

HISTÓRIA DO BARROCO: A ORIGEM, O CRESCIMENTO E OS EXEMPLARES NO DISTRITO DE VILA REAL

History of the Baroque: its origins, growth and examples in the Vila Real district

MONTES, Francisco¹, & AMARANTE, Natália²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo falar sobre a história do barroco, desde o seu aparecimento em Itália, uma breve introdução ao tema, explicando em que consiste este estilo arquitetónico, qual a sua definição de acordo com alguns autores e como está a sua presença na atualidade, mais concretamente no distrito de Vila Real. Tenta dar-se uma definição da arte barroca de acordo com vários autores, e demonstrar as diferentes vertentes presentes. O modo como surgiu a arte barroca e quais as principais características que estão presentes nas diferentes formas de arte. Posteriormente vão ser abordadas algumas das representações da arte barroca que existem nos diferentes tipos de arte como arquitetura, escultura, pintura, literatura, teatro e música. No final deste trabalho irá ser exposto o barro em Portugal, assim como, algumas das obras representativas do estilo barroco existentes no Distrito de Vila Real.

Abstract

The aim of this work is to talk about the history of the Baroque, from its appearance in Italy, a brief introduction to the subject, explaining what this architectural style consists of, what its definition is according to some authors and how its presence is today, more specifically in the district of Vila Real. An attempt is made to define Baroque art according to various authors, and to demonstrate the different strands present. How Baroque art came about and what the main characteristics are that are present in the different art forms. This will be followed by a discussion of some of the representations of Baroque art that exist in different types of art such as architecture, sculpture, painting, literature, theatre and music. At the end of this work, clay in Portugal will be presented, as well as some of the representative works of the Baroque style that exist in the Vila Real District.

Palavras-chave: *Barroco; Vila Real; Arte; Cultura.*

Keywords: *Baroque; Vila Real; Art; Culture.*

Data de submissão: setembro de 2023 | **Data de publicação:** dezembro de 2023.

¹ FRANCISCO MONTES - Professor de Português Língua Estrangeira. UTAD. PORTUGAL. Email: franciscomontes@gmail.com

² NATÁLIA AMARANTE - CEL – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. CET-FLUL. PORTUGAL. Email: namarant@utad.pt

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo identificar o estilo barroco através das suas características, qual a sua origem e a sua história, as diferentes formas de arte que representa como por exemplo pintura, arquitetura, escultura ou música, e ao mesmo tempo mostrar as suas características presentes em alguns dos principais monumentos barrocos existentes no norte Portugal, mais concretamente no distrito de Vila Real.

Ao longo dos anos, têm existido vários autores com opiniões distintas quanto à data de origem do barroco, e ao mesmo tempo, quanto à origem do termo e as características. O barroco é um estilo arquitetónico, representado em diversas formas de arte (escultura, arquitetura, pintura, literatura, teatro, música, interiores e mobiliário), que está muito presente na cultura em Portugal, tendo a sua origem em Itália no final do séc. XVI. De acordo com o autor José Luiz dos Santos, “cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação” (Santos, 2006, p. 24). Por sua vez, Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, no Dicionário de Conceitos Históricos, referem que “cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefactos e objetos até ideias e crenças” (Silva & Silva, 2006, p.1). Nesse sentido, pode dizer-se que o barroco faz parte da cultura vila-realense, visto que, através das suas características únicas, continua a representar este estilo arquitetónico ainda hoje, apesar de ter surgido durante o séc. XVI.

Uma das noções essenciais a reter segundo Javier Portús, relacionado com a ideologia artística que sustenta a produção do barroco, é que esta é a mesma que deu origem ao Renascimento, e cuja hegemonia que mantinha na Europa, não estava ameaçada, até ao surgimento da Idade Contemporânea (Portús, 2004, p. 300).

A arte barroca é vista de “diferentes formas um pouco por todo o mundo, e segundo António Maia da Rocha, a arte barroca é uma nova estética que vê a beleza formal como um fim e como meio de transmitir emoções através da dramatização da expressão e da exaltação do movimento” (Rocha, 1998, p. 6).

Flavio Conti e Maria Cristina Gozzoli, no livro *Como Reconhecer A Arte* afirmam que “a arte barroca estendeu-se por todo o séc. XVII e pelas primeiras décadas do séc. XVIII. A sua difusão abrangeu quase toda a Europa e a América Latina. Conti e Gozzoli asseguram também que existem vários exemplos de arquitetura barroca espalhados um pouco por toda a Europa e América Latina; no entanto, variam esteticamente de país para

país porque acaba por se fundir com as escolas e tendências locais de cada país (Conti & Gozzoli, 1998, pp. 215-218).

Para Pierre Cabanne, a origem da palavra barroco é controversa, e refere que “tem certamente origem no espanhol *barrueco* que designa pedra irregular”. De acordo com Cabanne, o barroco nasceu em Itália mais concretamente em Roma, no início do séc. XVII num ilhéu de paz, numa Europa que era assolada por conflitos constantes (Cabanne, 1999, p.12).

Por sua vez, Vítor Serrão caracteriza o barroco como uma arte marcada pelo decorativo exacerbado e pela tradicional vernacularização das experiências plásticas observadas na arte” (Serrão, 2003, p. 9).

De acordo com Michele Christine, o barroco é a libertação do espaço, da mente e das regras dos tratadistas, das convenções, da geometria elementar e uma libertação da simetria e da antítese entre espaço interior e exterior (Christine, 2011, p. s/p).

German Bazin explica que durante o séc. XVIII, tanto a Itália como a França forneceram ao resto da Europa uma grande quantidade de “especialistas” que levaram as formas da arte “moderna” para os países que acolheram (Bazin, 2010, p.11), como foi o caso do arquiteto e pintor italiano Nicolau Nasoni que acabou por deixar um legado artístico de diversos monumentos barrocos no norte de Portugal.

Paulo Pereira observou que “barroco é uma palavra de origem portuguesa” pois segundo o autor, os ourives no tempo de D. Manuel chamavam “barrocas” às perolas grandes e deformadas. Ainda de acordo com a ideia de Pereira, “barrocal” ou “barroca” é o nome que se dá a um agregado de pedras informes e arredondadas (Pereira, 1999, p. 258).

Já José António Maravall no livro *A cultura do barroco* refere que “o barroco deixou de ser um conceito de estilo que possa repetir-se e que efetivamente se suponha repetido em múltiplas fases da História dos homens” (Maravall, 1997, p.19).

No livro *The social history of Art – Volume II* Arnold Hauser refere que “The baroque is the expression of an intrinsically more homogeneous worldview, but one which assumes a variety of shapes in the different European countries” (Hauser, 1962, p.168), quer dizer que o barroco é a expressão de uma visão de mundo intrinsecamente mais homogénea, mas assume uma variedade de formas nos diferentes países europeus.

Philip M. Soergel sugere no seu texto “The buildings constructed as a result of the Baroque architectural revival displayed both great variety as well as certain common traits. The first architect to express many of the features of the new style was Carlo Maderno (1556 – 1629)” (Soergel, 2005, p. 11). Com isto, pretende dizer que os edifícios que foram construídos como resultado do renascimento arquitetónico barroco, exibiram não só grande variedade, bem como certos traços comuns. O primeiro arquiteto a expressar muitas das características do novo estilo barroco foi Carlo Maderno (1556-1629).

1. A ARTE BARROCA

A arte barroca surgiu em Itália durante o séc. XVI, mas depressa começou a expandir-se para outros países europeus e também para o continente americano, tendo sido levado por colonizadores portugueses e espanhóis.

Como palavra, o barroco demonstra as características existentes no seu estilo, significando “pérola irregular” ou “pérola deformada” representando de forma depreciativa a ideia de irregularidade nas suas obras (Cabanne, 1999, p. 12).

Esta arte está marcada essencialmente por diversos temas que a inspiram, podendo-se destacar: mudança, instabilidade, melancolia, honra, solidão, morte, santidade, virtude, pecado, ilusão, entre outros. Nas áreas onde se pode encontrar a arte barroca, existem alguns autores nas diferentes vertentes, como por exemplo escultura, pintura, arquitetura, literatura, teatro, música, interiores e mobiliário. No que concerne à escultura, a arte barroca está representada por um intenso dramatismo, pela intensidade das formas, pelas expressões teatrais e pelo movimento.

Em Portugal, nesta área destacam-se alguns autores como Frei Cipriano da Cruz Sousa, José de Almeida, António Ferreira e Machado de Castro. Esta caracteriza-se pelo realismo e dramatismo dando a ideia de que estão vivas e que poderiam movimentar-se procurando realçar as expressões faciais e as características individuais, cabelos, músculos, lábios. Não se deve omitir as estátuas equestres sendo muito características desta arte. Os materiais utilizados eram sobretudo bronze, mármore, madeira policromática, alabastro e porcelana usada na decoração de palácios (Baptista, 2007, p. 11).

Por sua vez, a pintura barroca é caracterizada pelo realismo, focada nos retratos no interior das casas, nas paisagens, nas naturezas mortas e cenas populares. Algumas das características da pintura barroca são marcadas pela composição assimétrica, em diagonal (revelando estilo grandioso, monumental, retorcido, substituindo a unidade geométrica e o equilíbrio da arte renascentista), um acentuado contraste de claro-escuro (expressão dos sentimentos). É realista, abrangendo todas as faixas sociais. Um dos pintores mais reconhecidos devido à obra “Vocação de São Mateus” é Caravaggio (Baptista, 2007, p. 12).

A arquitetura barroca é caracterizada pela sofisticação na construção do espaço e pela procura de efeitos impactantes e teatrais, uma preferência pelo uso de contrastes entre cheios e vazios, formas convexas e côncavas, exploração de efeitos dramáticos de luz e sombra, e incorporação entre arquitetura e a pintura, a escultura e as artes decorativas em geral. Um dos exemplos da arquitetura barroca mundialmente conhecido é a Igreja de Jesus em Roma, cujo projeto pertenceu a Giacomo Vignola, e a fachada e a cúpula de *Giacomo della Porta*. Vignola baseou-se em modelos clássicos estabelecidos pelo Renascimento, que por sua vez se inspiraram na tradição arquitetónica da Grécia e da Roma antigas. As distinções inseridas foram a supressão do transepto, o encurtamento da nave, e procurou obter uma acústica interna eficaz (Moffett et al., 2003, pp. 330-332). Outro belo exemplar de arquitetura barroca é o caso da *St. Paul’s Cathedral*, em Londres, onde estão evidenciadas as várias características do barroco.

A literatura barroca, a nível de estilo dedicou um profundo cuidado ao formato e ao virtuosismo linguístico, com a intenção de maravilhar e convencer o leitor, o que implicava o uso constante de figuras de estilo e vários outros artificios retóricos, como por exemplo a metáfora, a elipse, a antítese, o paradoxo e a hipérbole, com grande atenção aos detalhes e ao embelezamento como partes essenciais do discurso e como formas de demonstrar conhecimento e bom gosto. É de realçar também o seu carácter experimental e a sua ousadia no manuseamento da língua, não tendo nenhuns precedentes nestes aspetos na literatura ocidental (Daly, 1998, pp. 204-205). Um dos escritores reconhecidos da literatura barroca em Portugal é o Padre António Vieira, que entre diversas obras, tem em “Sermão de Santo António aos Peixes” uma das obras mais reconhecidas, e que, ainda hoje, se estudam nas escolas portuguesas.

Por outro lado, o teatro barroco herdou os progressos renascentistas na elaboração de cenários com perspectivas ilusionísticas, o que estava ligado à revivescência da arquitetura clássica. Alguns arquitetos como Vincenzo Scamozzi, Bernardo Buontalenti ou Baldassare Peruzzi, foram artistas que tinham participado ativamente na construção de cenários realistas, seja através de painéis pintados - o que era mais comum - seja com construções tridimensionais sobre os palcos, e no fim do séc. XVI a cenografia tornou-se uma parte importante na representação teatral. Durante o século seguinte adquiriu ainda maior importância, e como os cenários teatrais não estavam submetidos às limitações da arquitetura real, desenvolveu-se uma linha de cenários altamente imaginativos e estranhos, onde a imaginação encontrou um terreno livre para se manifestar (Crabtree & Beudert, 2005, p.372). À medida que os cenários móveis se tornavam mais complexos, da mesma forma evoluíam as casas teatrais, até então construções temporárias ou de proporções modestas. O primeiro grande teatro permanente surgiu em Florença em meados do séc. XVI, e no século seguinte surgiram outros em diferentes locais (Kuritz, 1988, p. 161).

Relativamente à música, as origens do barroco surgem no contraste entre dois estilos que eram nitidamente diferenciados, o denominado por *prima prattica*, o estilo geral que havia no séc. XVI, e o *seconda prattica*, que era derivado de inovações na música de teatro italiana. Na harmonia - outra área que sofreu alterações significativas - abandonaram-se os modos gregos que ainda prevaleciam no século anterior para adotar-se o sistema tonal, construído a partir de apenas duas escalas, a maior e a menor, que encontrou sua expressão mais típica na técnica do baixo contínuo (Daniel, 2010, s/p). Um dos artistas que ainda hoje é muito conhecido pelas suas obras é Johann Sebastian Bach, que foi sem dúvida um dos maiores músicos barrocos.

Em termos de interiores e mobiliário, a decoração de interiores era uma parte integrante da conceção da arte barroca, contribuindo bastante para a consumação da intenção de criar obras de arte "totais" e envolventes, que detiveram os seus expoentes máximos nos interiores dos grandes palácios, teatros e das igrejas. Neste sentido, as regiões protestantes também acabaram por adotar princípios barrocos, porque a ornamentação não estava necessariamente ligada à propaganda da fé, ainda que nos países católicos ela fosse consistentemente usada para auxiliar no efeito didático final do programa iconográfico estabelecido através das pinturas e esculturas. Noutras regiões, especialmente onde o sistema político tendia para o absolutismo, cujos objetivos

totalizantes encontravam um fértil campo de representação numa decoração luxuosa e ostentativa, indicativa do poder do monarca e de sua glória, o barroco acabou por florescer de forma bastante expressiva. O barroco foi um período de auge para a talha em madeira, bastante típica nas igrejas da época, especialmente nos Estados Unidos da América, frequentemente coberta por ouro e esculpida com enorme consistência de elementos ornamentais, com motivos fitomórficos entremeados de diferentes figuras de anjos, santos, animais fabulosos e outros, e em certos exemplares chegando a obscurecer as formas arquitetónicas e produzindo uma forma espacial nova. No mobiliário as formas dinamizaram-se e curvaram, e a decoração magnificou-se a ponto de algumas vezes assumir dimensões arquitetónicas, como mostram certas camas ornadas com grandes baldaquinos e cabeceiras monumentais, grandes bancadas e armários encontrados em palácios e sacristias de igrejas, que fundem suas formas à arquitetura do entorno (Costa 2005: 48). Um belo exemplar destas características é o túmulo do Papa Alexandre VII que se encontra no interior da Basílica de S. Pedro, em Roma.

Em termos de conclusão, pode dizer-se que o barroco é um estilo arquitetónico, criado em Itália, fazendo-se representar em várias formas de arte, conforme já foi mencionado. A arte barroca surgiu em Itália durante o séc. XVI, mas depressa começou a expandir-se para outros países europeus (Portugal, Espanha, França, Países Baixos, Inglaterra) e também para o continente americano (Brasil, Perú, México, etc), tendo sido transportado por colonizadores portugueses e espanhóis. O barroco, através do seu estilo, fez com que houvesse uma quebra entre sentimento e razão, ou arte e ciência, que eram características inerentes nos artistas renascentistas, visto que a arte barroca caracteriza-se pelas emoções e não pelo racionalismo da arte renascentista. Numa época marcada por conflitos espirituais e religiosos, como refere Marcos Mundim, tinha a capacidade de traduzir e conciliar as forças opostas. Estas forças seriam: Bem e Mal, Deus e Diabo, Céu e Terra, pureza e pecado, alegria e tristeza, paganismo e cristianismo, espírito e matéria. O estilo barroco é marcado por traços de assimetria, excessos, irregularidades e características expressivas, sendo com isto, uma arte de conflito, marcada pelo contraste de sensações, palavras e conceitos, como tentativa contraditória de transmitir as suas diferenças e ao mesmo tempo harmonizá-las. Estas características mostram que o barroco é a arte dos contrastes, podendo observar-se através de imagens e culturas deformadas, que levam à sensação de rutura com a harmonia que era tão característica do Renascimento (Mundim, 2015, s/p).

1.2. Origens e características da arte Barroca

A arte barroca surgiu em Itália e desenvolveu-se entre o fim do séc. XVI e meados do séc. XVIII, sendo uma arte que ainda hoje, se encontra obras deste estilo um pouco pelo mundo. Esta arte nasceu no final do séc. XVI, na Roma dos Papas. A difusão do barroco abrangeu alguns países da Europa e também da América Latina (Conti & Gozzoli 1998: 215), tais como Brasil, Perú, Equador, Paraguai, Bolívia e México.

Uma das principais obras que representam bem o estilo barroco, tendo sido também uma das primeiras obras com que se iniciou este estilo, foi a Basílica de S. Pedro, no Vaticano em Itália. A Basílica de S. Pedro é uma obra que reflete o poder e o luxo da igreja da Contrarreforma (Rocha, 1998, p. 8).

O barroco começou por se desenvolver inicialmente nas artes plásticas, depois na literatura, no teatro e por fim, na música. Desenvolveu-se após as reformas religiosas que aconteceram no séc. XVI, porque a Igreja Católica estava a passar por um processo complicado, marcado pela perda de espaço e poder entre a população. Teve o seu aparecimento expressando uma diferença significativa relativamente à espiritualidade e ao teocentrismo da Idade Média e, também, relativamente ao racionalismo e ao antropocentrismo do Renascimento (Mundim, 2015, s/p).

O estilo barroco chegou a Portugal em 1651 atravessando um grande período de experimentação que durou até ao ano de 1690 (Pereira, 1992, pp.14-165).

1.3. Características específicas do barroco

De uma forma geral o barroco tem características específicas que o destaca em relação aos outros estilos existentes. Esta arte apresenta em todas as suas obras, quer na pintura, escultura, literatura, teatro, entre outras formas de expressar a arte, características ilustradas por Mundim, tais como: o emocional sobrepor-se ao racional; a intenção de impressionar os sentidos do observador; procura de efeitos decorativos e visuais (curvas, contracurvas, colunas retorcidas); cruzamento entre arquitetura e escultura; contrastes violentos entre luz e sombra e pintura com efeitos ilusionistas. Existem diferenças que podem ser observadas nas obras barrocas, através da sua temática, tipo de luz utilizado, como acontece por exemplo na obra de Rembrandt, onde se nota o tipo de tom mais sombrio e sentimental (Mundim, 2015, s/p).

Entre as principais características existentes no barroco, destacam-se o dualismo, fugacidade, pessimismo, feísmo, e antropocentrismo vs teocentrismo. O Dualismo trata o barroco como arte do conflito, do contraste, refletindo a intensificação do homem dividido entre a herança religiosa e a mística medieval e o espírito humanista, racionalista do Renascimento. Caracteriza a expressão do contraste entre as grandes forças reguladoras da existência humana, como a fé contra razão; corpo e alma; Deus e Diabo; vida e morte, entre outros. Esse contraste é visível em todas as obras barrocas, tanto no contraste de imagens, de palavras como de conceitos. Mas o artista barroco não deseja apenas expor os contrários, ele quer conciliá-los, integrá-los, e por isso é frequente o uso de figuras de linguagem que procuram essa unidade, essa fusão.

A fugacidade, segundo o barroco, no mundo tudo é passageiro e instável, as pessoas, as coisas mudam, o mundo muda. O autor barroco tem a consciência do caráter passagem da existência (Camolesi, 2012, s/p).

No pessimismo, a contante ideia de morte, como sendo a expressão máxima da fugacidade da vida. A incerteza da vida e o medo da morte fazem da arte barroca uma arte pessimista, marcada por uma desilusão com o próprio homem e com o mundo.

Por sua vez, no feísmo constata-se que no estilo barroco há um grande interesse por cenas trágicas, aspetos cruéis, dolorosos e grotescos. As imagens são transfiguradas pelo exagero de detalhes, levando a uma rutura com a harmonia, com o equilíbrio e a sobriedade clássica, sendo o barroco a arte dos contrastes e do exagero.

Finalmente no Antropocentrismo vs Teocentrismo a Igreja Católica, com a Contrarreforma, tenta reaver o teocentrismo medieval (Deus como centro de tudo) e o homem barroco não deseja perder a visão antropocêntrica renascentista (O homem como o centro de todas as coisas), assim o barroco tenta atingir a síntese desses valores, tenta conciliar razão e fé, corpo e alma, espiritualismo e materialismo. Em Portugal um dos grandes nomes da literatura barroca, foi Padre António Vieira, tendo também passado parte de sua vida no Brasil, daí alguns estudiosos dizerem que este, juntamente com Gregório de Matos, é representante do barroco brasileiro, contudo o seu ponto de vista era sempre o do defensor dos interesses do intelectual europeu (Camolesi, 2012, s/p).

Paulo Pereira refere que o barroco é um estilo artístico onde as estruturas são dinamizadas, curvando-se o que é linear, retorcendo o que pode ser um gesto ou simples pose. Destaca ainda que “as volutas dos portais, as colunas espiraladas de um altar, os dedos da mão de uma imagem ou o drapeado dos trajes, introduzem novos ritmos de leitura, produzindo um efeito de retenção do olhar” (Pereira, 1999, p. 259).

2. BARROCO EM PORTUGAL

O barroco, conhecido por seiscentismo – denominado assim, porque foi um estilo que teve início no final do séc. XVI - surgiu em Portugal devido à união que sucedeu da Península Ibérica, motivando nesta época, uma grande influência espanhola. Este estilo durou cerca de dois séculos (final de séc. XVII e séc. XVIII) e acabou por coincidir em parte, com um tempo bastante difícil e conturbado que se vivia na situação política-económico-social e, por isso, cultural e artística, mas ao mesmo tempo, com os reinados de D. João V (1706-1750) e de D. José I (1750-1777), tempos de grandes importações de ouro e diamantes do Brasil e das políticas absolutistas (Pinto et al., 2010, p. 171).

Portugal era um país que atravessava uma grande decadência, que aconteceu durante os últimos vinte e cinco anos do séc. XVI. Nesta época o comércio fazia com que Lisboa fosse a capital da pimenta, apesar de que a agricultura se encontrava abandonada, e as várias colónias portuguesas existentes – como por exemplo Brasil – não davam nenhuma riqueza a curto prazo. Nessa época, devido a este quadro cultural, acaba por surgir o estilo barroco, numa fase em que havia crise dos valores renascentistas, que era causada pelas diversas lutas religiosas e também pelas grandes dificuldades económicas. Assim pode-se entender que o já referido contexto assimétrico e rebuscado do barroco é o reflexo do conflito existente para o homem entre as coisas terrenas e as coisas celestiais, homem e Deus, o antropocentrismo (onde o homem está no centro) e o teocentrismo (onde Deus está no centro), o perdão e o pecado, entre outros conflitos (Vilarinho, 2016, s/p).

Relativamente à presença do barroco na literatura portuguesa, verifica-se que este pode ser classificado em dois tipos de estilos literários: o cultismo e o conceptismo. O cultismo é caracterizado por ter linguagem culta e rebuscada, está ligado à forma, jogo de palavras, tendo grande influência do poeta espanhol Luís de Gôngora, sendo por isso chamado de Gongorismo. O conceptismo é conhecido pelo jogo de ideias, estando ligado ao conteúdo, raciocínio lógico, por sua vez com grande influência do espanhol Quevedo, e devido a isso, denominado por Quevedismo (Vilarinho, 2016, s/p).

Paulo Varela Gomes no livro intitulado *O essencial sobre a arquitectura barroca em Portugal* refere que “Portugal teve uma arquitectura barroca: inspirada em exemplos estrangeiro, como sucedeu por todo o lado, menos talvez em Itália, mas criada por portugueses (Gomes, 1987, p.7). Gomes diz que houve 5 períodos na história da arquitectura em Portugal. Começou com um período prévio denominado por pré-barroco que começa em 1650 data do início da construção da Igreja do Colégio dos Jesuítas de Santarém, até 1682 quando se deu o início das obras de Sta. Engrácia. De seguida começou a época do barroco da responsabilidade de arquitetos e engenheiros que tinham formação e tradição portuguesa, correspondendo no sul do país ao “Ciclo de Sta. Engrácia” e ao “Ciclo do Aqueduto”, sendo entre 1682 e o fim dos anos 40 do séc. XVIII. Posteriormente, em 1717, deu-se o lançamento da primeira pedra do Convento de Mafra, sucedendo assim, o terceiro período do barroco português, que corresponde no sul, ao barroquismo internacionalizado da época de D. João V e ao barroco nortenho de Nasoni e André Soares. No período seguinte acontece o prolongamento de tudo na arquitectura da época do Marquês de Pombal (Ciclo pombalino), e nas obras de Queluz e da Basílica da Estrela, em Lisboa, que aconteceu entre 1755 e 1779. O último período pode ser considerado um subperíodo de transformação do barroco por influência do neoclassicismo, correspondendo às duas décadas finais do séc. XVIII, terminando quando Manuel Caetano de Sousa acaba por não resistir à passagem de moda do estilo a que se tinha dedicado toda a sua vida (Gomes, 1987, pp. 9-10).

Tal como acontecia com os restantes períodos arquitetónicos, o barroco começou a aparecer em fases distintas: motivos dispersos, de feição não estrutural, e decorativos que foram colocados em edifícios já existentes. Vivia-se numa época de experimentação de formas e das suas potencialidades, fenómeno que era minoritário e que lentamente iria acabar por desalojar um maneirismo que era muito persistente e durava há algum tempo, até que se transformou num discurso dominante (Pereira, 1992, p.14). Na segunda metade do séc. XVII iria acontecer uma justaposição de tempos artísticos, quando a modernidade do estilo barroco se inicia, em substituição, um processo que era necessário para que houvesse renovação do panorama arquitetónico português. Um dos primeiros exemplos conhecidos de aplicação de formas decorativas do estilo barroco é o caso da já desaparecida igreja de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa, que pertencia à comunidade italiana da capital. Foram importadas diretamente de Génova pinturas e esculturas que ornavam a igreja, anunciando com isto, um processo de italianização que era bastante

importante no reinado joanino. A principal novidade que foi trazida por essa decoração foram as colunas salomónicas feitas em pedra verde, tendo sido instaladas em 1671, e que se celebrizaram em Itália a partir do baldaquino berniniano para S. Pedro de Roma. Devido ao seu dinamismo formal, essas colunas interessavam a uma arquitetura que pretendia quebrar os padrões espaciais estáticos existentes na época (Pereira, 1992, pp.14-15).

Já em 1690, o barroco começou a entrar num período de definição em Portugal, presente até 1711. A igreja de Santa Engrácia em Lisboa assinalava o início das grandes construções, afirmando assim o novo estilo barroco; no entanto a sua história e construção durou vários anos, devido a constantes obras de remoções de igrejas e construção de novas no mesmo local, crises financeiras e alterações em quem estava no poder. Nesta igreja, a obra barroca assume e desenvolve a importância que a arquitetura existente na Europa confere à fachada principal tendo St.^a Engrácia confirmado essa constante. A fachada principal é pontuada lateralmente pela presumível base de duas torres, enquadrando o ritmo da parte central. O ritmo e a variedade são propostos pela alternância de frontões, janelas e nichos. Quatro colunas gigantes introduzem a galilé, contraponto visual escuro à claridade geral da fachada. A porta principal é ladeada por colunas torsas acentuando a ideia de movimento que o edifício no seu conjunto propõe. O interior é anunciado pelo vestíbulo, onde se rasgam portas de recorte clássico. Devido às proporções e volumetria, St.^a Engrácia é uma obra barroca fundamental (Pereira, 1992, pp. 28-33).

O barroco apareceu no Norte de Portugal entre 1725 e 1769. O Porto, como segunda cidade do Reino, era zeloso da sua qualidade enquanto capital do Norte, cabia-lhe naturalmente uma atualização arquitetónica que os artistas locais pareciam ser incapazes de realizar. A solução encontrada foi através da vinda do toscano Nicolau Nasoni, pintor de profissão e que no Porto se fez arquiteto, dando à cidade uma fisionomia cenográfica que a individualizaria. Nasoni chegou ao Porto no ano de 1725, com o destino de trabalhar para o clero da Sé que, era o grupo social que apostava na renovação da arquitetura da cidade. Era considerado um insigne arquiteto por causa da necessidade de atualização face à realidade italiana e da falta de alternativas apresentadas pelos artistas locais. Nasoni começou por pintar as primeiras obras na Sé do Porto, criando assim perspectivas ilusionistas que ampliavam o espaço medieval (Pereira, 1992, pp.117-119). A Igreja dos Clérigos no Porto é um belo exemplar deste arquiteto que teve início em 1732.

A fama do trabalho efetuado por este artista acabou por se estender ao restante território do norte de Portugal, mais concretamente no Douro, tal como aconteceu na Sé de Lamego, a igreja de Santa Eulália na Cumieira, o Palácio de Mateus e Capela Nova, ambos em Vila Real (Pereira, 1992, p.120).

O barroco continuaria a persistir em certos locais do país, mas iria começar o seu declínio entre 1750 e 1779. A sobrevivência do barroco vai localizar-se inevitavelmente fora do novo urbanismo existente em Lisboa, que tendo outros patrocinadores que eram herdeiros da velha ordem joanina, procuravam a todo o custo preservar. O caso do Palácio de Queluz e da Basílica da Estrela que, para além de serem de grande importância artística, assumem emblematicamente uma contra as artes mais modernas. A Basílica da Estrela acabaria por encerrar no círculo lisboeta o longo processo da arquitetura barroca sendo, em 1789, a última igreja de um regime ancião (Pereira, 1992, pp.151-165).

Hoje em dia continua a existir diversas representações do estilo barroco em Portugal. Um belo exemplar é o caso do Santuário de Bom Jesus do Monte em Braga, onde se verifica as características específicas do barroco, sendo este local bastante visitado mais por razões turísticas e existe também a fachada barroca da Universidade de Évora que é um local sobretudo visitado por estudantes porque é uma universidade.

2.1. Arquitetura Barroca no distrito de Vila Real

Com o intuito de tentar obter maior tipo de informações relacionadas com o tema, para a realização deste trabalho foram contactados os municípios do distrito. O distrito de Vila Real é uma região localizada no norte de Portugal, mais concretamente em Trás-os-Montes e Alto Douro. É constituído por 14 concelhos, sendo eles Alijó, Boticas, Chaves, Mesão Frio, Mondim de Basto, Montalegre, Murça, Peso da Régua, Ribeira de Pena, Sabrosa, Santa Marta de Penaguião, Valpaços, Vila Pouca de Aguiar e Vila Real.

Nesta região, e após ter sido feita alguma pesquisa inicial, juntamente com contactos dos municípios, foram contabilizados mais de 200 monumentos que contêm de algum modo um elemento que tenha as características barrocas.

A arte barroca para além de estar presente um pouco por todo o país encontra-se muito demarcada no distrito de Vila Real onde estão edificados ainda hoje alguns monumentos que representam o estilo e demonstram as características da arte barroca.

2.2.1. Solar / Palácio de Mateus de Vila Real

Uma das obras barrocas mais importantes é o Solar de São Mateus em Vila Real. Este edifício foi construído no séc. XVIII pelo arquiteto Nasoni, sendo um dos melhores exemplares da arquitetura civil barroca existentes no norte do país (Marques, 2010, s/p).

O Solar de São Mateus ou Casa de Mateus como também é denominada, foi construída na primeira metade do séc. XVIII por ordem de António José Botelho Mourão, 3º Morgado de Mateus. Substituiu-se à casa da família já existente no local nos inícios do séc. XVII. Já em 1911 é classificada como Monumento Nacional. A arquitetura barroca, de estilo italiano, é atribuída ao artista Nicolau Nasoni pela coerência do estilo e semelhança com outras obras de sua autoria, tendo dedicado entre 1739 e 1743 à construção da fachada central e decoração da Casa. Esta obra, além do esplendor barroco da fachada principal e da riqueza da decoração, composta por cimalkas curvas, frontões, pináculos e estatuária, impressiona a racionalidade da planta e o rigor da métrica e da modulação. A planta inscreve-se num retângulo, e divide-se em dois quadrados vazados ao centro, que criam várias alas e compõem dois pátios ligados entre si por grandes aberturas no piso térreo. O pátio frontal é aberto libertando a vista da fachada principal recuada e voltada a poente, e o posterior é encerrado, definem através dos grandes vãos do rés-do-chão um eixo central de perspetiva que atravessa toda a construção, e constitui um enfiamento de expressão clássica e grande harmonia (Ponte, 2005, s/p).

O acesso ao piso nobre faz-se através de duplas escadarias que se repetem nas fachadas transversais dos dois pátios, duas a poente e uma a nascente, e acentuam a simetria e o movimento barroco de toda a ornamentação. No 1º andar, entre os pátios e com fachadas sobre ambos, ao centro da construção e definindo a linha de união dos dois quadrados que compõem a planta, está localizado o Salão de Entrada. O mesmo dá acesso a norte e a sul, respetivamente à Biblioteca e ala de quartos, e à Sala do Tijolo e ala das salas. As duas alas estão ligadas entre si no topo nascente através de uma ala com quartos que dá acesso ao Coro da Capela. O granito amarelo constrói as paredes duplas e desenha as cantarias, e a madeira de castanho aparente compõe as portadas, a talha que trabalha os tetos de caixotão simples ou abobadado e as sobreportas com motivos da heráldica da família. Diferente constituição da alvenaria de pedra em paredes e distintas espessuras podem significar obras sucessivas, sendo nesta hipótese mais recentes as alas frontais do edifício, teoria que foi colocada por Vasco Graça Moura nos seus estudos que efetuou sobre a Casa (Ponte, 2005, s/p).

A partir do ano de 1979 o atual Presidente da Fundação, D. Fernando de Sousa Botelho de Albuquerque, e a sua Mulher D. Maria Amélia, adaptam todo o conjunto às atividades culturais de sua iniciativa. Posteriormente, a Casa de Mateus e os anexos agrícolas são restaurados, sem danificar a obra mesmo introduzindo critérios de modernidade. É criado um circuito expositivo alargado e vários novos núcleos de exposição que integram o espólio da Família e complementam o Museu, que é remodelado. O Barrão da Eira é recuperado para dar apoio à realização das atividades da Fundação sendo construídos, em anexo, camarins de apoio; a Adega sofre obras de recuperação e é equipada de acordo com as novas exigências técnicas; e o antigo Lagar de Azeite é reabilitado e ampliado para a instalação da Residência de Artistas. Outra obra característica da Casa de Mateus é a escultura de João Cutileiro, que desde 1981 dorme no Lago, que tanto caracteriza a imagem da Casa (Ponte, 2005, s/p).

2.2.2. Igreja de S. Pedro de Vila Real

A Igreja de S. Pedro foi construída por ordem D. Pedro de Castro, que era abade de Mouços e grande benemérito da cidade. A igreja primitiva foi uma capela de S. Nicolau, mas em 1528 surgiu a atual matriz, ou como é atualmente conhecida, Igreja de S. Pedro, tendo sido assim denominada em grande parte por causa do já mencionado D. Pedro de Castro, que era o protonotário apostólico. No fim do séc. XVII, a capela-mor foi azulejada por ordem de Domingos Botelho da Fonseca, de acordo com a inscrição existente na igreja, onde se pode ler: “Mandou fazer a obra de azulejo da capela maior desta igreja, o Dr. Domingos Botelho da Fonseca Machado, cavaleiro da Ordem de Cristo, sendo mordomo do SS. Sacramento, por sua devoção, no ano de 1692”. No séc. XVII, existiram na igreja capelas particulares e vínculos de algumas pessoas como o de Martinho Alves Rebelo e o de D. Brites de Mesquita. Já no séc. XVIII, o juiz da irmandade José Moutinho de Aguiar mandou restaurar a capela-mor à sua custa pessoal, e também à custa de esmolas, fazendo o frontispício e as duas torres.

No exterior, a igreja é considerada como tendo valor arquitetónico mediano. A linha culminante do alçado central não apresenta muito interesse, sendo que é desproporcional em altura, visto que é um pouco alta, quando comparada com o restante espaço da igreja. O frontispício é considerado barroco comum. Quase servindo de compensação, o interior revela diversos valores estruturais e decorativos. A nível de deterioração, sendo a Igreja de S. Pedro uma das igrejas mais antigas de Vila Real e que

começou a ser construída ainda no séc. XVI, mesmo após várias obras de requalificação que foram sendo feitas ao longo dos tempos, pode verificar-se que se encontra em bom estado de conservação, já o mesmo não se pode dizer do interior onde se poderão notar que alguns azulejos já estão desgastados e desfeitos. A nave da Igreja de S. Pedro é única porque tem uma estética que impressiona pela sua amplitude. O teto da Igreja de S. Pedro é conhecido por ser arqueado e apainelado, com diversas molduras douradas. Sobre a nave existem cinquenta painéis de pintura, sendo alguns apreciáveis e graciosos que representam cenas bíblicas (Azevedo, 1972, pp.110-111).

A capela-mor é datada de 1962, sendo toda em azulejo, devido à devoção de um professor da Ordem de Cristo chamado Domingos Botelho da Fonseca. O teto é todo revestido em talha dourada, característica muito comum no estilo barroco, estendendo-se às quatro janelas laterais. O altar-mor primitivo existente na Igreja de S. Pedro foi substituído no ano de 1845, onde se tentou harmonizar desde então o barroco e o neoclássico. O arco-cruzeiro construído em pedra lavrada, decorada com elementos geométricos. A parte que está direcionada para o corpo da igreja é toda ela coberta por talha dourada, existindo espaço para ter dois altares, um com Nossa Senhora de Fátima, e outro com o Senhor dos Milagres. Os restantes altares existentes na Igreja de S. Pedro são da mesma época, com o estilo barroco, excetuando o altar dedicado ao S. Coração de Jesus, que é de uma época posterior, pertencendo já ao estilo rococó (Castro, 2015, s/p).

2.2.3. Capela Nova/ Igreja de S. Paulo de Vila Real

No distrito de Vila Real além destes dois monumentos já referidos existem também diversos outros que simbolizam e demonstram o estilo Barroco. O caso da Capela Nova situada na Rua Direita em Vila Real exemplifica bem as características do Barroco.

A igreja foi implantada num triângulo, sendo que é um ponto de encontro entre duas ruas: a Rua do Poço (atualmente denominada por Rua de Outubro) e a Rua Direita (hoje com o nome Dr. Roque da Silveira), e domina a ampla Rua dos Combatentes da Grande Guerra, onde se encontra erguida a imponente Igreja de S. Paulo, ou como é conhecida hoje em dia a Capela Nova de Vila Real (Parente, 2015, p. 14).

2.2.4. Igreja de S. Domingos / Sé de Vila Real

A Igreja de S. Domingos, conhecida por Sé de Vila Real, que embora a nível estético e arquitetónico não tenha presente o estilo Barroco, sendo de dois estilos distintos o Românico e o Gótico, a nível do altar está muito presente o estilo Barroco predominando a talha dourada.

Atualmente é um Monumento Nacional, a antiga igreja do convento do mesmo nome, foi sagrada Sé de Vila Real em 1924. É um templo amplo, contendo três naves, que foi construído no séc. XV. A torre sineira foi erguida em 1724, e posteriormente, em 1753 foi reformulada a capela-mor. Ficou danificada com um grande incêndio em 1837, tendo sofrido obras de reconstrução durante a década seguinte. Está localizada na Avenida Carvalho Araújo, considerada a principal avenida da cidade de Vila Real (s/a 2002, p. 82).

CONCLUSÃO

O estilo barroco é uma arte que tendo surgido em Itália no final do séc. XVI, ainda hoje, séc. XXI, está representado com as características específicas deste estilo, não só no país de origem, mas também em Portugal que é o local de estudo deste trabalho. O barroco continua a ser um estilo muito distinto e com traços bastante concretos, sendo único, representando nas suas obras riqueza, ornamentação, elevado nível de detalhe e grande demonstração de poder.

Em todas as suas obras, sejam elas de pintura, escultura, arquitetura, literatura, teatro ou música, nota-se grande ornamentação e detalhe, o que demonstra o quão importantes e valorizadas eram e continuam a ser as obras deste estilo. Apesar de terem sido feitas ao longo dos anos diversas obras de recuperação, manutenção e restauro nos vários monumentos existentes um pouco por todo o mundo, como é um estilo muito próprio e único, o barroco acaba por se ir mantendo, seja em coexistência com outros estilos como acontece por exemplo na Sé de Vila Real, seja como estilo único como acontece na Igreja de S. Pedro também em Vila Real.

Neste trabalho tentou demonstrar-se as características existentes no estilo barroco, não só nas suas origens, mas também alguns dos monumentos mais importantes do distrito de Vila Real.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Amaral, M. (2000). “O portal da história – Portugal barroco.” Internet. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/portal/Portugal/barroco/index.html>

Azevedo, C. (1972). *Património artístico da região duriense*. Escola Profissional de Santa Clara.

Baptista, A. M. N. (2007). “O barroco – O período barroco e expressão barroca”. Disponível em <https://pt.scribd.com/doc/2279001/TRABALHO-DE-PORTUGUES-BARROCO>

Bazin, G. (2010). *Barroco e Rococó*. Ed. Martins Fontes.

Cabanne, P. (1999): *A arte clássica e o barroco*. Edições 70.

Camolesi, C. (2012): “Barroco em Portugal”. Disponível em: <http://professorclaudineicamolesi.blogspot.pt/2012/12/barroco-em-portugal.html> (consultado em 25 de junho de 2017).

Castro, P. (2015). “Igreja de São Pedro”. Disponível em: <https://www.visitarportugal.pt/distritos/d-vila-real/c-vila-real/vila-real/igreja-sao-pedro>

Christine, M. (2011). “Arquitetura Barroco.” Disponível em: <https://michelechristine.wordpress.com/a-arquitetura/arquitetura-barroca/>

Conti, F., & Gozzoli, M. C. (1998). *Como Reconhecer A Arte: Arquitectura - escultura – pintura. Românico. Gótico. Renascimento. Barroco*. Edições 70.

Costa, M. A. B. (2005). A Talha Dourada na Antiga Província de São Paulo: exemplos de ornamentação barroca e rococó. In: T. Percival (org.), *Arte Sacra Colonial: barroco memória viva*. Editora UNESP.

Crabtree, S., & Beudert, P. (2005). *Scenic Art for the Theatre: History, Tools, and Techniques*. Elsevier.

Daly, P. M. (1998). *Literature in the light of the emblem: structural parallels between the emblem and literature in the sixteenth and seventeenth centuries*. University of Toronto Press.

Daniel, R. T. (2010). *Western music*. In: Encyclopædia Britannica Online. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-barroco.htm>

- Gomes, P. V. (1987). *O essencial sobre a arquitectura barroca em Portugal*. INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Hauser, A. (1962). *The social history of art. Renaissance, Mannerism and Baroque. Volume II*. Routledge & Kegan Paul.
- Kuritz, P. (1988). *The making of theatre history*. Prentice Hall.
- Maravall, J. A. (1997). *A cultura do barroco*. CODEPA.
- Marques, T. (2010). “Roteiro da arte barroca.” Disponível em:
<https://teresamarques2010.wordpress.com/jose-saramago/roteiro-da-arte-barroca/>
- Moffett, M., Fazio, M. W. & Wodehouse, L. (2003). *A world history of architecture*. Laurence King Publishing.
- Mundim, M. (2015). “Arte barroca e suas características.” Disponível em:
<http://arteclassicaeterna.blogspot.pt/2015/09/arte-barroca-e-suas-caracteristicas.html>
- Parente, S. (2015). *A Capela Nova*. Irmandade dos Clérigos da Capela Nova.
- Pereira, J. F. (1992). *Arquitectura barroca em Portugal*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Pereira, P. (1999). *2000 Anos de Arte em Portugal*. Temas e Debates.
- Pinto, A. L., Meireles, F., & Cambotas, M. C. (2010). *Arte Portuguesa*. Porto Editora.
- Ponte, T. N. (2005). “História Casa de Mateus”. Disponível em:
<http://www.casademateus.com/historia.htm>
- Portús, J. (2004). *La imagen barroca*. Editorial Verbum.
- Rocha, A. M. (1998). *O barroco*. Paralelo Editora.
- S/a (2002). *Roteiro turístico do Distrito de Vila Real*. Vila Real: NERVIR – Associação Empresarial.
- Santos, J. L. (2006). *O que é cultura*. Coleção primeiros passos. Disponível em:
<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2014/03/o-que-c3a9-cultura-jose-luiz-dos-santos.pdf>
- Serrão, V. (2003). *História da arte em Portugal – O Barroco*. Editorial Presença.
- Silva, K. V., & Silva, M. H. (2006). “Cultura”. Disponível em:
http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/conceito_CULTURA.pdf

Soergel, P. M. (2005): *Arts and Humanities Through The Eras: The Age of the Baroque and Enlightenment (1600-1800)*. Thomson Corporation.

Vilarinho, S. (2016). “Barroco”. Disponível em:

<http://brasilecola.uol.com.br/literatura/o-barroco.htm>